

# CLIPPING

Edição de Sábado, 02 e  
Domingo, 03.06.2007

GOVERNO DO ESTADO DE  
SÃO PAULO

*Secretaria de Estado da Educação*

---

---

## ÍNDICE

JORNAL DA TARDE - Segurança privada nas escolas municipais .....	3
DIÁRIO DE MARÍLIA - Serra desaparece .....	3
DIÁRIO DO GRANDE ABC - Licão de violência .....	4
BOM DIA/SOROCABA - Violência invade dia-a-dia escolar .....	4
AGORA - Desabafo .....	6
A TRIBUNA - Dia a Dia .....	6
DIÁRIO DA REGIÃO/S.J.DO RIO PRETO - Dispara a reprovação no ensino médio .....	6
COMÉRCIO DA FRANCA - Estudantes do ensino médio da 'Industrial' produzem feira .....	7
CRUZEIRO DO SUL/SOROCABA - Prefeitura levará Sabe Tudo para seis escolas estaduais .....	8
FOLHA DA REGIÃO/ARAÇATUBA - Dentistas vão atender de graça alunos da rede pública .....	8
VALEPARAIBANO - Ubatuba cria hortas em escolas .....	9
VALEPARAIBANO - Sala de leitura será ampliada .....	9
VALEPARAIBANO - Crianças: as defensoras do Meio Ambiente .....	10
JORNAL DE PIRACICABA - Escola estadual será inaugurada .....	10
JORNAL DA TARDE - Xadrez vira aliado no aprendizado .....	11
JORNAL DA TARDE - Vamos construir uma casa? .....	12
JORNAL DA TARDE - Orkut educacional nas escolas públicas .....	15
JORNAL DA TARDE - Concurso aberto para professores .....	15
JORNAL DA TARDE - Música erudita na escola .....	15
REVISTA ÉPOCA - Se deixarem, a escola melhora .....	16
PORTAL TERRA - MEC começa a coletar dados para o Censo Escolar .....	18
CRUZEIRO DO SUL/SOROCABA - ENADE: Maioria dos alunos avaliados estudou em escola pública .	19
JORNAL DA TARDE - Escola Brasil organiza rádio para educação .....	19
PORTAL TERRA - Governo: escolas têm papel na prevenção da aids .....	20
FOLHA DE LONDRINA - Desperdício de merenda escolar: até quando? .....	20
JORNAL DO BRASIL - Educação, o desafio .....	21

# Segurança privada nas escolas municipais

A contratação de segurança privada para as escolas da rede municipal é positiva – tendo em vista a falta de policiamento mostrada em reportagem publicada pelo Jornal da Tarde no início de maio – desde que, como admite o próprio secretário de Educação, Alexandre Schneider, que anunciou a medida, ela seja encarada apenas como uma solução de emergência.

Será uma segurança patrimonial – seu objetivo principal é conter a onda de furtos e roubos nas escolas, principalmente de equipamentos eletrônicos – com pessoal desarmado, durante 24 horas. Ela será implantada primeiro nas escolas situadas nas regiões mais violentas da periferia da Capital, de acordo com as estatísticas da polícia – Leste, Sul e extremo Norte. Depois serão atendidas gradativamente as demais regiões, de acordo com as necessida-

des. Ao mesmo tempo, serão instalados alarmes e câmeras de monitoramento nas escolas.

O secretário Schneider, já se antecipando a possíveis críticas sobre o alcance da medida, fez questão de deixar claro que a segurança privada não substituirá a Guarda Civil Municipal (GCM) nas escolas. A intenção é fazer com que ela atue de forma integrada com a GCM e as Polícias Civil e Militar. Não poderia ser diferente, até porque, estando voltada para a proteção do patrimônio, a segurança privada, embora importante na situação atual, será portanto limitada. Além disso, esses guardas trabalharão desarmados.

Mais importante ainda, no que se refere à segurança das escolas, são o consumo e o tráfico de drogas, as bebidas alcoólicas – dentro das escolas e nas proximidades – e o vandalismo.

E disso só a polícia e a guarda civil podem se ocupar. A solução do problema depende fundamentalmente, então, do aumento do policiamento – o que é da alçada do governo do Estado – e do reforço da GCM. Não se pode perder isso de vista.

No caso da GCM, o que se espera da Prefeitura é que proponha medidas muito mais ousadas do que as anunciadas até agora: 100 viaturas estarão de volta às ruas até meados do mês e serão convocados 269 aprovados em concurso realizado em 2004. Se não houver um plano para aumentar consideravelmente os efetivos da GCM – que hoje mal conseguem cuidar do policiamento de 28% das escolas, número que em 2004 chegou a 70% –, o problema continuará sem solução, com ou sem segurança privada.

---

DIÁRIO DE MARÍLIA

(03.06)

## Serra desaprende

José Serra entrou na vida pública pelas mãos do então governador André Franco Montoro, que transformou em marco de sua gestão a regionalização de serviços, a descentralização do Estado, a proximidade do cidadão.

Esquecer essas políticas de Montoro não é exclusividade de José Serra, mas é ofensivo que no governo ele esqueça as raízes e as lições de gestão pública.

Montoro terminou mandato sem denúncias de corrupção, de desmandos e foi durante muito tempo um modelo no PMDB e depois no PSDB, que hoje tem Serra como um dos caciques. Mas seus projetos e políticas não tiveram sobrevida.

José Serra vem sistematicamente atropelando regionais, desativando serviços, reduzindo quadros, afastando decisões do cidadão. Acesso à informação, descentralização dos projetos, respeito às características de cada região são apenas alguns dos valores que vão pro lixo a cada medida como essa.

A redução já atingiu a saúde, a educação e agora a cultura. Serra também está em crise com as universidades, o que mostra que além de cortar serviços e projetos o governador parece ter declarado guerra aos principais setores de atendimento social e desenvolvimento de idéias.

E esse é o perigo maior. Os cortes de Serra não se prendem ao seu governo, mas com certeza produzem perdas incalculáveis. Impossível saber como e em que intensidade a redução de vagas na Escola da Família cria problemas sociais.

Impossível saber como os cortes na cultura afastam crianças e adultos de atividades culturais, de manifestações culturais como formas de comunicação e representação.

Esse descompromisso com o futuro é ruim em qualquer sistema de governo, do síndico do prédio ao presidente da República, cargo que Serra quer no futuro. Mas se ele mostra descaso com o futuro do cidadão, porque deveria o cidade cuidar do futuro dele?

## Licão de violência

Há uma semana, uma garota de 12 anos teve parte de sua orelha arrancada por colega da escola, em Santo André. Motivo: desavenças por conta de um campeonato de queimada. Há três semanas, outra menina de 12 anos foi espancada por alunos da escola, em Mauá. Motivo: achavam que ela era 'metida' porque se vestia com roupas um pouco melhores. Em fevereiro, um aluno de 14 anos foi esfaqueado pelo avô de outra estudante, em Diadema. Motivo: suposto sumiço de um estojo.

Os três casos citados, em três cidades diferentes do Grande ABC, revelam uma realidade cada vez mais presente nas escolas públicas: a violência entre alunos, tanto em relação aos seus companheiros quanto com os próprios professores e diretores.

Os motivos para tanta banalização de atos como esses (embora num deles, o avô estivesse envolvido) são óbvios e saltam aos olhos. Não se tem uma política séria e eficaz de inclusão social dessas crianças; há a apologia de atos como esses entre determinados grupos (e, neste caso, não importa a classe social); e, por fim, verifica-se a perda quase total de respeito a quem é hierarquicamente superior, reflexo imediato da sensação de impunidade que vigora no País.

Os tempos mudaram, sim. Já não cabe na sala de aula

aquele professor extremamente dominador. Hoje existe espaço para diálogo. Isso, no entanto, não significa perda de autoridade, mas capacidade de entender as novas gerações, cada vez mais carentes de bons exemplos.

O problema também ocorre em estabelecimentos particulares, mas é pior nos estaduais. Por conta da progressão continuada - que, na prática, aboliu a repetência -, não é possível sequer fazer com que o aluno tenha medo de não passar de ano. Como, então, se exigir disciplina desses estudantes? E se já se perdeu o respeito com professores, inspetores, diretores, o que se esperar entre eles mesmos? Pesquisa realizada no fim de 2006 pelo Sindicato de Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo, com 684 professores, apontou que 87% conhecem algum caso de violência nos estabelecimentos. E ainda 70% afirmaram saber de tráfico de drogas no ambiente escolar e 67% de consumo pelos alunos.

Dados como esses são alarmantes, assim como os casos ocorridos na região. Já passou da hora de o Estado rever suas políticas educacionais, oferecendo, em troca dos altos impostos pagos, um ensino digno, que forme esses alunos para uma vida honesta. Não dá mais para brincar de escolinha. O assunto, na vida real, não permite mais experimentos. Exige ação.

**GOVERNO  
ESTADO**

**BOM DIA/SOROCABA**

(02.06)

## Violência invade dia-a-dia escolar

*Metade dos alunos sofre ameaças físicas e psicológicas; especialista alerta para a necessidade de educar para a paz*

O tirano, o valentão. Ele provoca, puxa a orelha, chuta, risca o caderno do colega, rasga a folha, põe apelido, mas bate em retirada para posar de "santinho" e enganar a professora. Quem não se deparou com uma figura assim desde que chegou à escola? O exemplo é uma das formas clássicas de bullying, definidas pela educadora Cleo Fante, de Brasília, especialista neste fenômeno social que atinge metade dos alunos no país. "Esta é a chamada vítima provocadora, aquele indivíduo que provoca reações contra as quais nem ele possui habilidades para lidar porque também é problemático", explica.

Na segunda-feira (28) Cleo esteve no teatro do Sesi

em Sorocaba para ministrar a conferência "Bullying escolar, a prevenção começa pelo conhecimento". A educadora falou para uma platéia de cerca de 200 pessoas, entre pais e professores dos colégios Salesiano e Santa Escolástica. E chamou a atenção sobre a importância do papel da família e da escola para conter essa onda que se avoluma com o passar dos anos e que contribui para o aumento da violência e delinquência, gerando tragédias em casos extremos, como a recente matança de 32 alunos na Universidade de Virginia Tech, em Blacksburg, nos EUA, causada pelo estudante sul coreano Sho-Seung Hui, que se suicidou em seguida.

## (02.06)

Segundo a educadora, não há termo equivalente na língua portuguesa para definir bullying. “Mas o fenômeno se conceitua por um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos, causando dor, angústia e sofrimento”.

Trata-se, conforme explica, de um problema mundial, encontrado em todas as escolas, públicas ou particulares. “No mundo, as taxas de prevalência revelam que entre 5% a 35% dos alunos são afetados. No Brasil, em pesquisa desenvolvida durante três anos em Rio Preto (SP), 49% dos alunos estavam envolvidos, em 2003. Esses índices devem estar ainda maiores.”

De acordo com a estudiosa, por ter características próprias, uma das formas mais graves de bullying é a propriedade de causar traumas ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos. “Ele também é reconhecido em vários outros contextos além do escolar, como na família ou no local de trabalho, onde atualmente se fala em assédio moral.”

Na escola, para as vítimas, as conseqüências levam ao desinteresse, déficit de concentração e aprendizagem, queda no rendimento e até evasão. Para os agressores, ocorre o distanciamento e a falta de adaptação aos objetivos escolares, a supervalorização da violência como forma de obtenção de poder. Os espectadores, que são a maior parte dos alunos, podem sentir insegurança, ansiedade, medo e estresse, conta a educadora.

Em resposta a essa avalanche de possibilidades violentas, a pedagoga acena com o Programa Educar para a Paz.

**Programa contra-ataca com paz**

O Programa Educar para a Paz, aplicado no mesmo grupo pesquisado em Rio Preto, reduziu em dois anos de 26% para 4% a taxa de vitimização de bullying, além de obter melhora no desempenho escolar e nas relações entre alunos e professores.

A proposta prevê envolvimento da família e da escola no fortalecimento da auto-estima das vítimas e a canalização da agressividade dos agentes envolvidos, em ações pró-ativas. Grupos de alunos solidários atuam como “anjos da guarda”, e de pais solidários auxiliam nas brincadeiras do

recreio e discutem as situações-problemas.

É a resposta humanista, em uma visão pedagógica para o problema. “Se existe a cultura da violência, disseminamos uma contracultura de paz”, diz Cleo Fante.

**Cyber bullying também precisa ser combatido**

Durante a palestra, Cleo Fante alertou para o crescimento dos casos de cyber bullying. Em escolas públicas o incômodo responde por 8% do bullying e nas particulares, 10%. A pequena diferença demonstra que a intenção supera as barreiras econômicas e da própria inclusão digital, argumenta. “Até pais e professores não escapam do bullying espalhado com a ajuda de ferramentas como celulares, softwares de fotomontagens e divulgação na internet.”

Segundo a especialista, os pais devem ficar atentos. “Precisamos levar esse tema para casa e mostrar aos nossos filhos que essa prática é crime, são atos infracionais que podem ser rastreados e punidos”. A orientação da educadora é para que as famílias ou pessoas atingidas registrem sempre um boletim de ocorrência. “O Estatuto da Criança e do Adolescente, inclusive, medidas sócio educativas aos infratores”, salienta.

**Entidade atende crianças envolvidas**

Crianças e adolescentes envolvidos e traumatizados pelas conseqüências do bullying podem ser tratados nas oficinas terapêuticas no atendimento psicossocial feito nas duas unidades da Associação Pró-Reintegração Social da Criança. Segundo a coordenadora, Paola Maia, passam pela entidade mais de 700 crianças por mês.

Apesar da variedade de patologias e transtornos emocionais, a psicóloga Cybele Moretto atribui ao aumento da demanda as queixas de pais e professores sobre dificuldades em lidar com a agressividade. “Até professores ficam inseguros”, diz. Segundo Cybele, o problema é visível a partir dos quatro anos de idade.

Valdeli R., de 42 anos, acompanha a evolução de seu filho R., de sete. Há dois anos ele passa por tratamento. “R. começou a ficar agitado e demonstrar muita ansiedade. Hoje, o comportamento melhorou bastante, ele está mais participativo”, diz. (Marisa Batalim)

## Desabafo

**Educação**

Chega a ser deprimente a reportagem “Estudante morde e arranca parte da orelha de colega”, publicada no último dia 27. Grande parte dos atos de violência que nos atingem, no dia-a-dia, é cometida de forma banal. Certamente, sua causa é a ignorância, ou seja, a ausência da educação.

**Palmiro Mennucci, presidente do Centro do Professorado Paulista - Santana - São Paulo -- SP**

A TRIBUNA  
(02.06)

## Dia a Dia

**Toques**

Alunos da Escola Estadual Zulmira Campos se queixam do estabelecimento de um limite de horário para uso dos banheiros. E, a exemplo do que acontece em outras unidades de ensino do Estado, quem trabalha e chega atrasado é impedido de entrar na segunda aula.

DIÁRIO DA REGIÃO/S. J. DO RIO PRETO  
(02.06)

Índice recorde

**Dispara a reprovação no ensino médio**

Vívian Lima

O índice de reprovação registrado em 2006 no ensino médio da rede estadual de Rio Preto é o mais alto dos últimos 12 anos. A taxa de alunos retidos chegou a 18,6% dos matriculados. Isso significa que 2.479 dos 13.328 estudantes (número total de matriculados no ensino médio de acordo com o Censo Escolar) foram retidos. O número de 2006 é três vezes maior que o registrado em 1995, quando o índice ficou em 6%. O estudante Fernando Henrique Faustini, 17 anos, da escola Victor Britto Bastos, está cursando o terceiro ano do ensino médio pela segunda vez. Ele foi reprovado no ano passado. “Foi a primeira vez. Não dei muita atenção aos estudos.” O aluno A.C.M., 15 anos, da escola Monselhor Gonçalves, foi reprovado no primeiro ano do ensino médio em 2006. O motivo, segundo ele, foi falta de dedicação aos estudos. “Eu faltava bastante.” Ele afirma que a reprovação geralmente ocorre por falha do aluno, mas diz que salas com menor número de estudantes trariam benefícios. “Facilita o aprendizado.”

A Diretoria de Ensino de Rio Preto diz que não vê como alarmante o índice de reprovação. Para o órgão, o índice de evasão vem diminuindo e a medida em que as unidades

conseguem receber alunos que estavam fora da escola pode contribuir para um índice maior de reprovação. No ano passado, o índice de abanono foi de 4,9% e o de aprovação de 76,5%. O coordenador do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) em Rio Preto, Anderson Rizzutti, defende maiores investimentos no ensino médio. Segundo ele, os alunos e professores dessa faixa de ensino enfrentam dificuldades estruturais como salas lotadas e falta de equipamentos tecnológicos, como computadores e internet. “É difícil competir com giz e apagador diante da internet, que é o que mais atrai os alunos.” A pedagoga e pesquisadora de ensino médio Maria Sylvania Bueno considera alto o índice de 18,6% de reprovação. Para Maria Sylvania, que também é professora na Universidade Estadual Paulista (Unesp) em Marília, a reversão do índice só vai ocorrer quando o número de alunos por sala de aula diminuir e o professor tiver condições de se dedicar exclusivamente a uma escola, para criar identidade com ela.

**Responsabilidade**

A aluna Taynná Moreira Costa, 18 anos, que por três anos consecutivos cursou o primeiro ano do ensino médio,

diz que, no seu caso, a responsabilidade pela repetência foi sua. “Não teve parcela (de culpa) da escola.” Em 2004 ela foi reprovada por notas baixas. Em 2005 parou de estudar e só em 2006 conseguiu concluir a série inicial. Mas a professora Maria Sylvia acredita que as escolas têm sim responsabilidade. “Depois de tantos anos em uma escola desinteressante, o aluno a abandona, perde compromisso com ela.”

### **Progressão prejudica, diz professora**

A pesquisadora de ensino médio da Unesp de Marília, Maria Sylvia Bueno, acredita que o sistema de progressão continuada (avaliação e retenção do alunos somente em algumas séries) do ensino fundamental pode atrapalhar o desempenho do aluno quando ele chega ao ensino médio. “Ele chega com dificuldade na língua portuguesa e não tem fundamento nas outras áreas.” O índice de reprovação no ensino médio é inferior ao do ensino fundamental. Em 2006, a

taxa ficou em 6,4%. Atualmente, os estudantes do fundamental são avaliados e podem ser reprovados na 4ª e 8ª séries, mas a Secretaria de Estado da Educação vai mudar o sistema de avaliação. Os alunos poderão ser reprovados na 2ª, 4ª, 6ª e 8ª séries.

“Reduzir os ciclos da progressão continuada tem por objetivo diagnosticar cada vez mais cedo as deficiências dos alunos. Em vez de esperar quatro anos, agora faremos isso em dois anos. Ficará mais simples corrigir os problemas”, diz a secretária de Educação do Estado, Maria Lúcia Vasconcelos. A avaliação da 2ª série começa este ano e a da 6ª ocorre em 2008. O Estado também decidiu mudar o sistema de notas neste ano. Os valores decimais serão arredondados para cima. Para a secretária a medida não beneficia o aluno com desempenho suficiente. “Não é meio ponto que diferencia um bom de um mau aluno.”

---

## **COMÉRCIO DA FRANCA**

**(02.06)**

### **GESTÃO EMPRESARIAL**

# **Estudantes do ensino médio da ‘Industrial’ produzem feira**

Bijuterias, doces, salgados, sorvetes, pizzas e até materiais para limpeza. Estes foram os produtos comercializados pelos alunos do Ensino Médio da Escola Estadual “Doutor Júlio Cardoso” (Industrial) na última sexta-feira. A atividade faz parte da disciplina “Gestão Empresarial”, na qual os estudantes aprendem desde como abrir uma indústria à divulgação dos seus produtos.

A comercialização ocorreu nos três períodos do dia com o envolvimento de aproximadamente 180 alunos do 1º ao 3º ano do ensino médio. O dinheiro arrecadado pelos alunos nesta feira interna será investido em projetos sociais. “Com o que conseguimos em feiras anteriores, produzimos uma cesta de chocolate, na época da Páscoa, para as crianças da Casa do Aconchego. Nesta, queremos investir num projeto ambiental de reciclagem e reflorestamento”, disse o estudante do 3º ano Fernando Luís Lespinassi.

Nove empresas foram criadas pelos alunos e com nomes bem criativos. Enquanto na “Hotcold” os estudantes

eram surpreendidos com a mistura de alimentos quentes e frios, os da “Coopergula” mostravam as tentações da gula com minipizzas e refrigerantes. Para os apaixonados por chocolate, o que não faltou foi o derivado do cacau na “Chockcart”.

A ação desenvolvida foi aprovada pela direção da “Júlio Cardoso”. “O melhor de toda esta diversão séria está no envolvimento dos nossos alunos em aprender como funciona uma empresa. O que para nós é muito significativo”, disse Mauriel Abib, diretor da Escola Industrial.

### **VESTIBULINHO**

Quem se inscreveu no Vestibulinho de meio de ano da ETE “Doutor Júlio Cardoso”, a Industrial, que disponibiliza 400 vagas em nove cursos diferentes, deve ficar atento. As provas serão realizadas no dia 10 de junho e contarão com 50 questões testes. O nome dos aprovados será publicado em 12 de junho.

## Prefeitura levará Sabe Tudo para seis escolas estaduais

A Prefeitura de Sorocaba, através da Secretaria Municipal de Educação (Sedu), abriu concorrência para a contratação de empresas que atuarão na construção de seis novas unidades do Sabe Tudo, desta vez vinculadas a escolas estaduais da cidade. Para o projeto serão destinados, em média, R\$ 300 mil por unidade, segundo estimativa da Secretaria de Obras e Infra-Estrutura Urbana (Seobe).

Os novos centros digitais ficarão em bairros que não possuem unidades da rede municipal de ensino ficando então anexos às escolas: “Antônio Miguel Pereira Júnior” (Central Parque), “Professor Antônio Cordeiro” (Parque das Laranjeiras), “Professor Marco Antônio Mencacci” (Jardim Josane), “Professor Altamir Gonçalves” (Jardim Belmejo), “Professora Ida Yolanda Lanzoni de Barros” (Vila Zacarias) e “Professora Dulce Esmeralda Bacile Ferreira” (Parque São Bento). A previsão é de que, a partir do início das obras, cada unidade fique pronta em torno de cinco meses.

O Sabe Tudo é um centro de inclusão digital com oferta gratuita à população de cursos de informática e acesso à

Internet. Sua manutenção é gerenciada através de parceria com a ONG “Projeto Pérola”, responsável pela mão-de-obra e material didático. Sorocaba já possui duas unidades do projeto Sabe Tudo em funcionamento, nas escolas municipais “Professor José Mendes”, no Jardim Hungarês, e na “Professor Irineu Leister”, no Jardim Ipiranga, que registram um total de quatro mil acessos por mês. Cada uma delas conta com 21 computadores de acesso gratuito aos usuários e funciona de segunda à sexta, das 8h às 20h e aos sábados, das 8h às 13h.

A previsão da Sedu é de que sejam concluídas mais 16 unidades do Sabe Tudo em Sorocaba nos bairros Paineiras, Parque Esmeralda, Jardim Ferreira, Herbert de Souza, Jardim Marcelo Augusto, Júlio de Mesquita, Santa Marina, Santa Bárbara, Vila Carol, Éden, Nova Sorocaba, Conjunto Habitacional Ana Paula Eleutério, Jardim Santo André II, Jardim Bonsucesso, Wanel Ville e Jardim Santo Amaro.

*Regina Helena Santos*

---

### FOLHA DA REGIÃO/ARAÇATUBA

(03.06)

## Dentistas vão atender de graça alunos da rede pública

Graziela Nunes

Araçatuba - Um grupo de dentistas voluntários deverá oferecer nos próximos dias atendimento gratuito a crianças e adolescentes com graves problemas bucais matriculados nas escolas públicas de Araçatuba. Esses profissionais integram o projeto “Dentista do Bem”, que incentiva a inclusão social por meio de tratamento dentário emergencial, preventivo e curativo nos próprios consultórios.

Criado há cinco anos pelo dentista Fábio Bibancos, de São Paulo, o projeto já atendeu mil crianças carentes em todo o Brasil. O trabalho começa com o recrutamento de estudantes de 5ª a 8ª séries da rede pública estadual, que estejam com problemas relacionados à saúde bucal. Em seguida, o dentista fica encarregado de acompanhá-las até a cura da doença, se for o caso, e realizar manutenções a cada seis meses, até que eles completem 18 anos.

”As políticas de saúde pública no Brasil são deficientes para uma população tão grande. Essa mobilização faz diferença numa hora que um adolescente não tem como esperar na fila de atendimento”, diz Bibancos.

Araçatuba entrou na rota de atendimento quando a dentista Sandra Borghi conheceu o projeto, no início deste ano, durante o Congresso Internacional de Odontologia, em São Paulo. “Fiquei surpresa em saber que uma cidade como Araçatuba ainda não tinha esse projeto; me voluntariei e imediatamente fui convidada para coordená-lo aqui”, conta ela.

Bibancos, que cursou odontologia na Unesp (Universidade Estadual Paulista) de Araçatuba, em 1986, destaca a importância da cidade no panorama nacional. “A opinião de Araçatuba no setor odontológico é muito importante para o Brasil. Ficaria orgulhoso se a cidade onde me formei,

**(03.06)**

tenho raízes e amigos de turma, pudesse acolher esse projeto”, afirmou.

A dentista e professora Mara Antônio Monteiro de Castro aderiu ao projeto assim que soube da iniciativa no município. “Dente é saúde, e saúde não pode ser restrita só àqueles que têm condições financeiras. A boca é a porta de entrada para as doenças, então como dentistas e seres humanos temos a obrigação de realizar esse trabalho em pessoas carentes. Além disso, o responsável pelo projeto foi meu aluno e é uma pessoa que admiro muito por carregar essa bandeira. Já disponibilizei, inicialmente, seis atendimentos para a minha clínica”, explica.

**CAPTAÇÃO** - Sandra Borghi, que coordena o projeto em Araçatuba, diz estar em fase de captação de voluntários para colocá-lo em prática. “Já entrei em contato com algumas pessoas e ainda este mês iniciaremos o projeto. Todo dentista é bem-vindo. Cada um na sua especialidade irá colaborar de alguma maneira. Os pacientes passarão pelo clínico e depois serão encaminhados para profissionais de outras áreas, conforme a necessidade”, explica ela.

Os interessados em ser voluntários podem entrar em contato pelo site [www.turmadobem.org.br](http://www.turmadobem.org.br). Na página, há um link que leva a uma ficha de inscrição e termo de compromisso, que deve ser preenchido e enviado pelos Cor-

reios para a rua Padre João Manuel, 222, conjunto 32, CEP 01411-000, São Paulo - SP. Ou então entrar em contato com a coordenadora em Araçatuba pelo telefone (18) 3608-6118, pelo e-mail [sandramborghi@hotmail.com](mailto:sandramborghi@hotmail.com) ou pelo endereço rua Silva Jardim, 574, Jardim Sumaré, onde também estão disponíveis os manuais.

**ATENDIMENTOS** - Em Araçatuba, a dentista diz que um laboratório de prótese já fez parceria com o projeto e irá oferecer descontos para os profissionais que precisarem desse material. O contato com as escolas será feito pela coordenadora, que, por meio de uma triagem, irá priorizar a escolha de crianças e adolescentes de baixa renda e com graves problemas bucais.

Não há uma cota obrigatória de atendimentos para cada dentista. Como as consultas serão realizadas em seus consultórios, eles podem escolher quantos pacientes devem tratar, porém sem nenhum custo.

“Os dentes continuam sendo o cartão de visita do rosto; a intenção é colocá-los numa condição que ajude esses estudantes a reconstruir o seu lado emocional e social”, explicou Sandra. Os dentistas que participarem receberão uma placa do “Dentista do Bem”, em reconhecimento à ação voluntária.

---

**VALEPARAIBANO**

---

**(03.06)**

## Ubatuba cria hortas em escolas

A Secretaria de Agricultura, Pesca e Abastecimento de Ubatuba, em parceria com os professores da rede municipal iniciou um projeto de hortas suspensas e comuns em diversas escolas da cidade. A idéia pretende conscientizar os alunos sobre a importância de uma alimentação saudável. Além de promover um contato direto com a natureza e

despertar o interesse sobre a preservação do meio ambiente e reciclagem com a utilização de garrafas Pet, caixinhas de longa-vida na montagem das hortas. Nas aulas, eles aprendem técnicas de adubação, irrigação, compostagem orgânica, sobre sementes, produção de mudas e a prática.

## Sala de leitura será ampliada

Entre as atividades previstas no projeto de São Sebastião está a ampliação do número de livros existentes na sala de leitura.

A próxima etapa do projeto é entrar em contato com as editoras para conseguir mais doações de gibis.

A separação de artigos relacionados a inúmeros temas que envolvem o meio ambiente, comportamento, sociedade, política, economia, entre outros, estão disponíveis na escola para serem utilizados pelos alunos em pesquisas.

Em dia de aulas vagas, os alunos levam DVD's e organizam debates sobre os filmes assistidos.

A implantação de uma rádio é outro trabalho que vem sendo organizado pelos estudantes. Eles irão conhecer como funciona a Rádio Comunitária Costa Sul FM, de Boiçucanga,

e pretendem firmar uma parceria com o veículo de comunicação.

O levantamento necessário do que é preciso para iniciar a atividade já foi feito. A idéia é divulgar os trabalhos da escola e dos alunos, além de servir como um meio de enviar recados à classe estudantil da unidade.

Outro projeto é o bazar da pechincha que está previsto para funcionar a partir do dia 22 de junho, onde serão vendidos roupas, calçados e brinquedos a R\$ 1 destinados às famílias carentes. A intenção é de trazer os pais para dentro da escola para estabelecer uma relação mais próxima.

## Bom Exemplo

# Crianças: as defensoras do Meio Ambiente

*Escolas investem em aulas sobre o assunto e criam verdadeiros agentes ambientais infantis*

Carolina Teodora

Aos 10 anos, Vitor Luiz Rodrigues Frade tem preocupação de gente grande. Ele não fica mais de dez minutos no banho, não joga papel de bala no chão, e ajuda sua família a separar o lixo. Costumes que podem parecer simples, para ele são a única forma de ‘recuperar a Amazônia e conseguir um mundo melhor para viver’.

Vitor faz parte de um grupo de 24 estudantes da escola municipal João Pereira Lopes, na zona rural de São Luís do Paraitinga, que há três anos têm aula de educação ambiental com a professora Silvana Rodrigues.

A turma, com idade entre 8 e 12 anos, por viver na zona rural da estância turística parece se preocupar ainda mais com as consequências dos problemas ambientais, como a poluição dos rios. Apesar de crianças, eles são críticos e conscientes, verdadeiros agentes ambientais.

Na semana em que se comemora o ‘Dia Mundial do Meio Ambiente’, o valeparaibano conversou com crianças e mostra que elas sabem claramente os problemas do meio ambiente e absorvem de forma esperançosa e prática todas as discussões das possíveis soluções.

“Pequenos atos fazem a diferença. É só apagar a luz quando sair e não jogar lixo no rio ou em qualquer lugar que não seja o lixo. Sei que assim o mundo vai ter água e as árvores continuarão crescendo”, afirmou Daiane Cristina Santos da Silva, 9 anos.

Nas aulas de meio ambiente, os alunos produzem papel reciclado com a sobra do papel utilizado em sala de aula, plantam árvores, ajudam a separar parte do lixo reciclável da escola, e assistem a filmes, teatros e palestras sobre meio

ambiente.

Ao longo desses três anos, a turma já visitou parques e núcleos ambientais e o Parque Estadual da Serra do Mar, no Litoral Norte.

“Ao longo desses anos vi o desenvolvimento deles, isso me deixa muito feliz. Hoje, eles são verdadeiros agentes ambientais”, afirmou Silvana.

**RESPOSTA** - Escolas de São José dos Campos que implantaram aulas de conscientização ambiental informam que as crianças responde bem ao assunto e acabam se tornando educadores ambientais em suas famílias e círculo de amigos.

A estudante Larissa dos Santos, 10 anos, afirmou que as questões relativas ao aquecimento global e desmatamento são as mais preocupantes. Tímida, ela disse que tem medo de que a água acabe pois assim as plantas vão morrer. “E se as plantas morrerem, como vamos respirar? Sem respirar não vamos mais viver. É tudo uma cadeia. Por isso é muito importante preservar”, disse.

A estudante Karina Batista de Souza, 12 anos, se mostrou ainda mais ativa na busca de resolver as questões ambientais. “Natureza é vida e precisa ser respeitada. Quando estou andando, não importa onde, e vejo um lixo na rua, eu pego”, disse.

Crítico, Felipe Pereira Machado, 11 anos, afirma que o problema está nos carros. “As pessoas precisam parar de andar de carro, tem ônibus, bicicleta, não é preciso usar o carro a todo momento. E é claro, não fazer queimadas. Eu acho que não custa nada, e iria fazer muita diferença.”

---

JORNAL DE PIRACICABA

(02.06)

## Escola estadual será inaugurada

A Diretoria Regional de Ensino e a Prefeitura entregam amanhã para a população a Escola Estadual do Água Branca. A construção da unidade foi realizada com investimentos de R\$1,1 milhão, por meio de convênio entre a Prefeitura e FDE (Fundação para o Desenvolvimento da Educação) da **Secretaria Estadual de Educação**. A unidade tem 1.700 metros quadrados de área construída, com 12 salas de aula, cozinha, sala de informática, banheiros e quadra poliesportiva. Tem capacidade para 700 alunos de en-

sino fundamental (5ª a 8ª séries), que já estão sendo atendidos desde o início do ano letivo. A inauguração está marcada para as 9h, na rua Dr. Elias Rosenthal s/nº.

**PALESTRAS** — As 2.500 crianças de 4ª séries de redes de ensino pública e particular que participaram das palestras da Delphi Automotive Systems sobre desenvolvimento sustentável concorrem a um prêmio especial durante a cerimônia de abertura da Semana do Meio Ambiente da empresa. O evento acontece amanhã, às 9h, na unidade da Delphi.

## &gt;pais e mestres

**JOGO**>Desde 2001, a modalidade virou disciplina da Emef Bartolomeu Lourenço de Gusmão. Alguns alunos já ganharam campeonatos

## Xadrez vira aliado no aprendizado

**BARTIRA BETINI,**

*bartira.betini@grupoestado.com.br*

Os alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Bartolomeu de Gusmão, em Itaquera, na Zona Leste, têm uma disciplina diferente no currículo escolar: o xadrez. O ensino do jogo começou a ser desenvolvido em 1999 pelo professor de educação física Rubens Roberto Rigonati. “Fiz uma proposta pedagógica para incluir o xadrez no dia-a-dia dos estudantes de 5ª a 8ª série.”

A sugestão foi imediatamente aceita pela diretora Rosália Aparecida de Oliveira e em 2001 passou a ser aplicada também aos alunos de 1ª a 4ª série. “Percebemos os benefícios que o jogo estava proporcionando aos estudantes, como melhora na disciplina, na convivência em grupo e na organização. Como no xadrez o respeito é colocado em prática em todas as jogadas, as crianças começam a usá-lo também em suas relações pessoais e familiares.

O professor Rigonati afirma que a intenção em implantar a modalidade na escola era proporcionar um novo aprendizado. “No chão do pátio, junto com o desenho de um jogo de amarelinha, pintamos um grande tabuleiro de xadrez. Os alunos começaram a ficar curiosos e quiseram saber mais do projeto.”

Rosália conta que logo a procura pelas aulas, até então extracurriculares, já atingia a marca de 700 estudantes. “Hoje, devido ao grande interesse dos alunos, transformamos o xadrez em disciplina e os 1.100 alunos da escola praticam a modalidade. Muitos viraram profissionais”, diz.

O resultado de incluir o xadrez na rotina escolar foi positivo: “Hou-

ve uma melhora de cerca de 10% no desempenho escolar dos alunos em todas as disciplinas. A atividade ajuda a desenvolver o raciocínio, fundamental, principalmente, na hora de resolver problemas de matemática”, acredita a diretora Rosália.

### Destaque

Rosália conta que alguns dos alunos participaram de campeonatos brasileiros e no exterior e que hoje a escola tem uma sala cheia de troféus. “Muito mais que cem. E temos patrocínio para participarmos de campeonatos em vários locais do País e também no exterior. Até o prefeito Gilberto Kassab esteve na escola para conhecer nosso projeto.”

### DIVULGAÇÃO




Daniel participa de campeonatos, mas mantém o interesse pelas aulas

Um dos destaques da escola é Daniel Teidi Awoki, de 10 anos: ele já esteve entre os três melhores em 12 campeonatos, incluindo cinco primeiros lugares. Ele estuda na rede municipal desde a 1ª série.


Neste ano, Awoki representou o Brasil no XVII Festival Panamericano de Xadrez em Cuenca, no Equador. “O interessante é que Daniel e outros alunos que são campeões continuam participando das aulas de xadrez com o mesmo entusiasmo, pois o objetivo não é apenas ganhar campeonatos”, diz a diretora.

### Crianças podem jogar desde cedo

Ensinar crianças a jogar xadrez desde o ensino infantil ajuda a despertar não só raciocínio, mas também concentração, memória e valorização da auto-estima, além de estimular a iniciativa própria do aluno e sua capacidade de enfrentar desafios. “Quem pratica, seja por hobby ou em nível profissional, desenvolve

 Jogar xadrez melhorou em mais de 10% o desempenho dos alunos em várias disciplinas, principalmente em matemática.”

ROSÁLIA OLIVEIRA  
DIRETORA DA EMEF BARTOLOMEU LOURENÇO

 Trata-se de um jogo que trabalha a aquisição e a consolidação de valores éticos. O xadrez ajuda a criança a memorizar e ter atenção”

ADRIANA SALAZAR VARÓN,  
MESTRE INTERNACIONAL DE XADREZ

habilidades que serão usadas no dia-a-dia em suas relações pessoais”, diz Edy Sakita, professor de xadrez.

A mestre internacional de xadrez Adriana Salazar Varón afirma que a modalidade pode ser ensinada às crianças a partir dos três anos de idade. “Meninas e meninos aprendem a partir dos erros. Isso permite que a criança tenha um pensamento hipotético, ou seja, ela vai analisar o fato partindo de suposições e criando hipóteses desde pequena, o que é muito positivo.”

Salazar afirma que o xadrez trabalha as áreas recreativa e desportiva. “A recreativa relaciona-se ao jogo em si, que deve ser mostrado de forma lúdica. Já a desportiva é observada por meio do respeito ao adversário necessário em cada jogada.”

### Xadrez nas escolas

A Unesco e a Federação Internacional de Xadrez têm desde 1986 um programa para difundir a modalidade nas escolas como referências pedagógica e cultural.

Na Secretaria Municipal de Educação, essa difusão é coordenada pela Diretoria de Orientação Técnica. Hoje, há 40 mil jogadores de xadrez na rede municipal de ensino. Além de alunos dos ensinos fundamental e médio, há crianças de 5 anos aprendendo a jogar também.

Para fornecer apoio técnico e atualização permanente de dados, a Secretaria Municipal de Educação criou um cadastro para todas as unidades escolares que desenvolvem a atividade. Para participar, basta se inscrever pelo site da Secretaria.

## >pais e mestres

### Sugestão de aula: Ensino Fundamental

# Vamos construir uma casa?

BARTIRA BETINI

*bartira.betini@grupoestado.com.br*

Construir uma casa. Qual criança, menina ou menino, já não vibrou com essa idéia? Castelo de areia... um prédio todinho com peças de lego... casinha de boneca... uma casa sobre as árvores... Para construí-las, ainda que no espaço da fantasia, são indispensáveis informações básicas, trazidas de várias áreas do conhecimento, como a lógica, a matemática, a geometria e a psicologia.

A aula de hoje do JT, numa parceria com o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE/USP), coordenado pelo professor Ismar de Oliveira Soares, propõe a construção de uma casa como um exercício interdisciplinar de produção de sentidos. Essa atividade foi elaborada por Carmen Lúcia Gattás, professora de Filosofia da Famec e pesquisadora do NCE, e partirá da obra *Vamos construir uma casa? Doze lições para a educação dos sentidos*, de Rubem Alves.

#### OBJETIVO

1 Esta aula pretende desenvolver os sentidos das

crianças, por meio de uma atividade lúdica, com a construção de uma maquete. O exercício proposto faz com que a criança descubra uma diversidade de formas de habitar uma casa. Ao ser inserida no universo das ciências, por meio de um trabalho interdisciplinar, a criança estará apta para decidir como deseja morar.

São necessários tesoura, cola, cartolina e outros materiais escolhidos pelos grupos (deixar que os alunos usem a criatividade nesta construção). Segundo Carmen, com esse tema, é possível para trabalhar as disciplinas de geografia, história, ciências, matemática e literatura. Caso estas áreas sejam ministradas por mais de um professor, aconselha-se que os mestres se reúnam para fazer um planejamento conjunto do trabalho.

#### ATIVIDADE PRELIMINAR

2 O professor introduz o tema em sua aula, dividindo os alunos em dois grupos para uma pesquisa preliminar. Ao primeiro grupo, solicita que descubra como era “morar” nos tempos antigos ou como era o cotidiano do homem das cavernas. A pesquisa, a ser feita na biblioteca ou

na Internet, deve ser encaminhada para responder à pergunta: “Como o homem foi ‘dominando a natureza’ para encontrar abrigo e sobreviver aos obstáculos naturais que enfrentava?”. A um segundo grupo, a pergunta é sobre o sentido figurado da palavra “casa”. Para o mesmo grupo, o professor solicita que os alunos ampliem o conceito de casa, para abranger a escola, a igreja, a cidade, o país. Uma reunião apresentando o resultado das pesquisas encerrará a fase preliminar da proposta de atividade. No final da dinâmica, o professor propõe a continuidade em grupo da construção da casa.

### ATIVIDADES

**3** No primeiro momento são construídas, a partir das várias áreas do conhecimento, as ferramentas teóricas necessárias para o entendimento do conceito “casa”. Sugere-se que os alunos sejam divididos em grupos, dedicando-se, cada um, ao estudo do problema a partir de uma área do conhecimento. Para o grupo 1, a área da ciência fornecerá informações sobre os tipos de moradias existentes no mundo animal: as conchas, a teia da aranha, o ninho do guaxo, a casa do joão-de-barro, o formigueiro, a casa de abelhas com a forma de um hexágono perfeito.

A geografia fornecerá ao grupo duas informações sobre os pontos cardeais (norte, sul, leste e oeste). “Se os alunos quiserem, por exemplo, que os quartos da casa recebam o sol pela manhã, deverão colocar as janelas na direção do leste”, explica a professora.

O grupo 3 ficará com a coleta de dados históricos sobre a evolução das moradias do homem ao longo da história e o grupo 4 se voltará para a literatura com Robinson Crusoe, descobrindo pelas aventuras que ele conta como a construção de uma casa garantiu a ele a sobrevivência em uma ilha, ainda que de forma solitária.

As contribuições dos quatro grupos são socializadas, numa reunião conjunta dos alunos envolvidos, permitem que todos os estudantes passem a perceber a importância de se contar com inúmeras fontes de informação para construir conceitos e relacioná-los com a vida real das pessoas.

### FINAL DA ATIVIDADE

**4** Pede-se aos grupos que iniciem a construção coletiva de uma maquete. Eles devem prestar atenção especial à identificação de três passos:

1) Montagem da cozinha: os alunos são convidados a fazer um levantamento sobre os objetos que pertencem à cozinha. A ciência contribuirá para descrever o fogo, o elemento que ajuda a cozinhar os alimentos. Os alunos analisarão como, na cozinha, conseguimos fazer transformações, a exemplo do que ocorre em um laboratório de química.

A área de história auxilia os estudantes a investigar como o primeiro homem produzia o fogo e como os vestígios do

uso do fogo encontrados pelos arqueólogos contribuem para a descrição da vida primitiva. A cozinha também deve ser lembrada como um dos lugares mais perigosos de uma casa, começando pelo uso do fogão. Finalmente, há de se lembrar, que através dos sentidos, podemos verificar se existe vazamento de gás (olfato), se o alimento está cru (paladar) ou se a comida esfriou (tato). Feitas estas observações e discussões, os alunos retomam a construção da maquete, voltando especial atenção para a cozinha: estarão atentos em introduzir elementos que traduzam a cozinha que acham mais adequada para eles.

2) Montagem do banheiro: o professor solicita que os alunos pesquisem como o banheiro de uma casa se relaciona com a natureza ao seu redor. O professor pergunta, então, sobre o destino da água usada. A área das ciências pode, nesse momento, forne-



**"Nossa primeira morada somos nós mesmos. O tema da construção da casa é um exercício interdisciplinar de produção de sentidos.**

Carmen Gattás, professora de Filosofia da USP

**Era uma casa muito engraçada não tinha teto, não tinha nada. Ninguém podia entrar nela não porque a casa não tinha chão. Ninguém podia dormir na rede porque a casa não tinha parede. Ninguém podia fazer pipi porque penico não tinha ali. Mas era feita com muito esmero na rua dos bobos número zero.**

Autor: Vinicius de Moraes



(03.06)

cer dados sobre o tratamento dos esgotos e o aproveitamento dos excrementos para a formação de adubos orgânicos.

3) Tratamento do lixo: o problema é como o lixo da casa será recolhido e onde será armazenado. Para ajudar na tomada de decisão, a disciplina de história pode colaborar informando quais foram as conseqüências da maneira como os homens da Idade Média costumavam tratar os

dejetos por eles produzidos.

Depois dessas observações e das discussões, os alunos são convidados a identificar, na maquete, com cores diferentes, os lugares para armazenamento dos vários tipos de lixo, elaborando propostas de como reciclar.

Após a apresentação das maquetes, pode-se pensar num concurso que avalie a casa mais criativa e ecologicamente correta.



## Orkut educacional nas escolas públicas

Ensinar e aprender ganharam mais uma comunidade on-line. O Tkin é uma espécie de orkut da educação. Alunos e professores tornam-se autores multimídia, podendo, inclusive, publicar trabalhos e compartilhar arquivos. Uma parceria entre a Oracle Education Foundation, mantenedora do site, com a Escola do Futuro da USP vai levar o programa às escolas públicas de São Paulo a partir do 2º semestre deste ano.

## Concurso aberto para professores

A Câmara Municipal de São Paulo lançou o Concurso de Redação Camélia da Liberdade para professores da rede pública. Dedicado à história da África e cultura afro-brasileira na escola, o prêmio tem como objetivo subsidiar discussões em sala de aula sobre o tema entre professores e alunos. A inscrição é gratuita e o professor pode inscrever mais de um trabalho. Outras informações no site.

INICIATIVA>A maetrina vem conquistando o público infantil

## Música erudita na escola

SAULO LUZ

[saulo.luz@grupoestado.com.br](mailto:saulo.luz@grupoestado.com.br)

No dia 12 de maio, a estudante Talita Aparecida Moreno Cabrera, de 11 anos, assistiu à apresentação de uma orquestra pela primeira vez em sua vida. “Foi muito legal. Eu nunca tinha ouvido uma orquestra e adorei os violinos”, conta a garota, que está na 5ª série do Ensino Fundamental. Assim como ela, mais de 800 pessoas, entre crianças

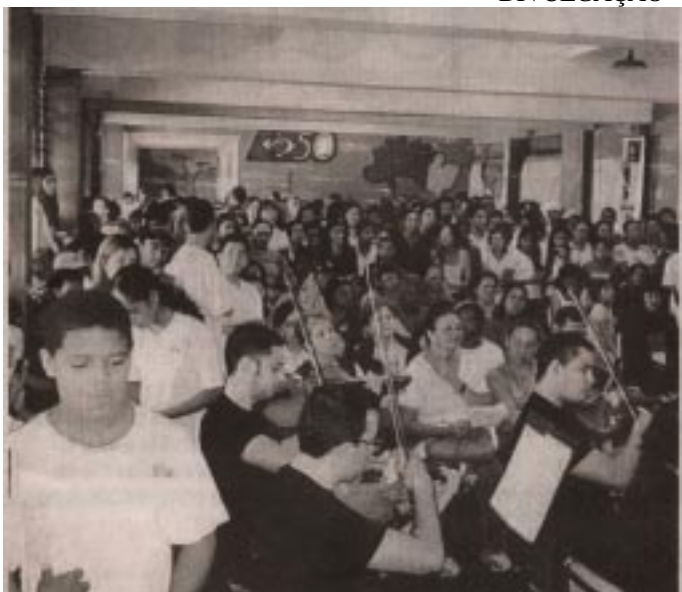
de escolas públicas e seus pais, já conheceram o espetáculo do projeto “Quem tem medo de música clássica?”, iniciativa da maetrina Muriel Waldman.

As apresentações são feitas pela orquestra Laetare, composta por 20 músicos regidos por Muriel. “Percebi que a juventude não tem o hábito

de assistir a concertos. Resolvi investigar o porquê disso e descobri que muitos deles não vão por medo de se aborrecer. Eles têm medo do formalismo das salas de concerto e, além disso, falta incentivo: os pais não têm o hábito levar as crianças aos espetáculos”, conta ela. Foi a partir dessa constatação que ela encontrou uma maneira de remediar o problema. “O concerto é que deve ir até as crianças, e a escola é o lugar ideal para isso. É o melhor jeito de desmistificar a música erudita”, conta a maetrina, que elaborou o projeto e o apresentou para a Secretaria da Cultura - que hoje apóia a iniciativa.

Foram escolhidas quatro escolas públicas para receber

DIVULGAÇÃO



Apresentação na Escola Estadual Professora Adelaide Ferraz de Oliveira



o espetáculo: duas na Capital, uma em Guarulhos e outra em Osasco. Três apresentações já foram realizadas e tiveram boa repercussão em comunidades escolares. “Foi muito bom, vi muitos pais se emocionarem junto com as crianças”, conta João Ferreira Prado, coordenador pedagógico da Escola Municipal de Ensino Infantil Oscar Pedroso Horta. Aluno da sexta série da Escola Estadual Professora Adelaide Ferraz de Oliveira, onde Talita também estuda, Fábio Roberto Garcia Martins da Rocha Júnior, de 12 anos, conta que achou o espetáculo “muito lindo”. “Gostei de todas as músicas que tocaram e, no final, fui dar os para-

béns”, lembra ele, que adorou o instrumento contrabaixo.

O repertório escolhido pela maestrina é composto de músicas dos estilos barroco, clássico, romântico, moderno e contemporâneo, passando inclusive por compositores brasileiros.

Após a última apresentação, que acontecerá em uma escola de Guarulhos, o projeto chega ao fim oficialmente, uma vez que o apoio da Secretaria da Cultura acaba também. “O custo de manutenção não é grande, mas ele existe. Por isso, estamos procurando novas parcerias e patrocínios”, diz Muriel.

**BRASIL**  
**GERAL**

REVISTA ÉPOCA

EDUCAÇÃO

## Se deixarem, a escola melhora

*O Tocantins deu autonomia para cada colégio gastar sua verba. Resultado: é um dos Estados que mais avançam em qualidade de ensino no país*

Por Ana Aranha, de Palmas, Tocantins

Na escola estadual São José, em Palmas, capital do Tocantins, ao fim da aula um estudante de cada turma tranca a porta da sala e guarda sua cópia da chave no bolso. O sistema foi criado para evitar o furto de material que acontecia quando as salas ficavam vazias. Hoje, os alunos saem para o intervalo sem medo. A idéia foi sugerida por Raquel Oliveira, de 12 anos, da 8ª série, durante uma assembléia com alunos e professores no início do ano. Três

**O Estado foi o que mais avançou no ensino de Português desde 2001**

semanas depois, cada turma já tinha recebido sua cópia. Quem fica com a chave é o líder, eleito pela classe. Raquel é a secretária de sua sala. Ela ajuda a manter a lista de presença e leva as reivindicações da turma para a diretoria da escola. “Se alguém falta por três dias, ligo para saber se está tudo bem”, diz, mostrando o caderno em que anotou com letra caprichada o telefone dos colegas.

O envolvimento da aluna com o colégio e a rapidez com que sua idéia foi executada são méritos de um diferente sistema educacional adotado pelo Tocantins. O princípio é dar autonomia para a escola administrar seus recursos.



**PARA NÃO REPETIR DE ANO** Os alunos da escola Deusa Moraes fazem reforço no espaço cultural Oficina Geral. As aulas extras são oferecidas por voluntários, alunos de escolas privadas da região

E cobrar resultados. Ao contrário do que faz a maioria dos Estados e municípios, o governo do Tocantins transfere para a escola o dinheiro da merenda, manutenção, compra de livros e ações pedagógicas. Só o salário dos professores e funcionários continua centralizado. A verba vai para a conta de uma associação local formada por diretor, pais e professores. Com o recurso mais próximo e acessível, chovem sugestões como a de Raquel. Diante delas, as escolas fazem economia para o dinheiro render mais. Boas

idéias somadas ao aproveitamento dos recursos melhoram o ambiente escolar e a qualidade do ensino. O impacto já pode ser medido nos primeiros anos do ensino fundamental, que representa mais da metade da rede estadual e é prioridade de ação da secretaria.

Desde 2000, quando teve início a gestão atual, o Tocantins é um dos Estados que mais melhoraram no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). Em 2005, sua nota na 4ª série para Língua Portuguesa foi a que mais aumentou em relação a 2001. Em Matemática, foi o quarto Estado que mais evoluiu. Sua nota no Índice de Desenvolvimento da Edu-

cação Básica, que combina desempenho e distorção entre idade e série, ainda é baixa. O Estado tirou 3,6 em uma escala de 0 a 10. Mas o Tocantins está acima da média nacional e na frente dos outros Estados do Norte.

“O Estado é muito burocrático. Dar autonomia é uma maneira de modernizar o sistema”, afirma Liliene Xavier Luz, professora da Universidade Estadual do Piauí. Em pesquisa sobre um programa federal que repassa dinheiro a escolas públicas, ela observou que o sistema ajuda o trabalho do professor porque é mais fácil pedir material ao diretor na sala ao lado que à Secretaria Estadual, a quilômetros de distância. Para comprar as chaves pelo processo tradicional, a escola de Raquel teria de pedir autorização à Secretaria. Se aprovado, o pedido entraria na fila de licitações do Estado. O processo levaria meses, senão anos. “Quando o dinheiro fica no governo, não dá para atender a escola no tempo que ela precisa. Temos de esperar os pedidos se acumularem para comprar em lote”, diz a secretária de Educação do Tocantins, Maria Auxiliadora Rezende, conhecida como Dorinha. No caso da escola São José, três semanas foi tempo suficiente para levantar qual seria o chaveiro mais barato da região, preencher o cheque de R\$ 225 e distribuir as chaves.

A liberdade para mexer com o dinheiro estimula as boas idéias. Na escola Deusa Moraes, que fica em Paraíso do Tocantins (a 63 quilômetros de Palmas), uma professora de Ciências usou o material de limpeza do colégio para melhorar sua aula. Neuseny Carvalho encomendou soda cáustica, limão, vinagre e óleo. Alguns dias depois, ela dava aula prática sobre a reação entre ácidos e bases, enquanto os alunos preparavam detergente, pasta de brilho e água sanitária para a limpeza da escola. Tudo biodegradável, para estimular a responsabilidade ambiental. “Se você quer ser criativo e fazer coisas diferentes, tem de investir”, afirma Neuseny. “A gente não tem muito dinheiro, mas tem liberdade para achar nossas soluções.”

O dinheiro repassado a cada escola não é muito. A São José tem 1.642 alunos e recebe R\$ 15 mil por mês. Dá R\$ 110 por aluno ao ano. O dinheiro para as chaves só estava em caixa porque a escola fez campanha para economizar água e energia no ano passado. Em 2005, a fatura dessas contas era de R\$ 7.500 por mês. Neste ano, caiu para R\$ 4.900. Segundo Maria Auxiliadora, antes da

descentralização, as escolas não tinham essa preocupação. “Algumas levavam anos para consertar um vazamento de água.”

O sistema se apóia em duas premissas: habilidade do gestor e participação da comunidade. Como os profissionais da educação não têm formação para lidar com dinheiro, a Secretaria criou o cargo de coordenador-financeiro para as escolas. Os outros funcionários fazem cursos de gestão. Todos os diretores já passaram por pelo menos um deles. Além da gestão, a Secretaria enviou mais de 11 mil professores às universidades para complementar seus estudos. Hoje, 98% deles têm a formação mínima para o ciclo em que lecionam.

Foi depois de um curso desses que a professora de Ciências teve a idéia de usar o material de limpeza na aula. E foi em um deles que Maria Leda Melo Lustosa, diretora da São José, aprendeu a fazer investimentos estratégicos. Além dos furtos, seus alunos conviviam com o problema da lama, que se formava no pátio em dias de chuva. “Os meninos pulavam na poça e arrastavam tudo para dentro. Era uma sujeirada”, diz. Segundo ela, a cada 20 dias era preciso uma “faxina geral”, que geralmente seria feita duas vezes ao ano. Para resolver, a diretora comprou pó de brita, uma areia extraída da pedra, e cobriu o pátio. Gastou R\$ 9 mil, quase o orçamento de um mês inteiro. O investimento resolveu o problema e se pagou em três meses, pois cada “geral” custava R\$ 2.900. A idéia foi de Antônio Victor, pai de um aluno da 8ª série que mora há 14 anos em frente à São José. “Os diretores podem saber sobre educação, mas sobre essa escola quem sabe sou eu”, diz.

Ouvir pais e alunos é o segundo mecanismo de sustentação da gestão. Eles ajudam a pensar os investimentos e fiscalizar os gastos. Para estimular a participação, a Secretaria criou um sistema no qual, para compras e pagamentos, o tesoureiro da associação tem de assinar o cheque junto com o diretor. E o tesoureiro é, obrigatoriamente, um pai de aluno.

O projeto da gestão compartilhada partiu de Maria Auxiliadora. Em 1997, ela foi chamada pelo governador Siqueira Campos, então no PFL, para coordenar um programa de descentralização na educação. A idéia inicial era criar escolas-cooperativas. “Mas não daria para fundar as cooperativas de cima para baixo”, diz Maria Auxiliadora.



#### GUARDIÃS

Raquel (à dir.) sugeriu comprar chaves para evitar furtos. Maria Helena tranca a porta da sala. Solução sem burocracia

“Por isso, optamos por uma gestão com responsabilidades divididas entre os colégios e a Secretaria.” Formada em Pedagogia na Universidade Federal de Goiás, ela dirigia um campus da Fundação Universidade do Tocantins (Unitins), uma instituição particular, antes de entrar no governo. Em 2000, passou de coordenadora do programa de gestão compartilhada para secretária de Educação. Com perfil técnico, sobreviveu a duas eleições. Para isso, se aliou ao governador Marcelo Miranda (PMDB), que rompeu com Siqueira Campos e foi reeleito em 2006. Hoje, ela preside o Conselho Nacional dos Secretários Estaduais de Educação. E diz que não pretende se candidatar a cargos políticos.

A idéia ainda tem pontos fracos. O maior deles é o excesso de responsabilidade nas mãos do diretor. Se ele não é bom em finanças e pedagogia, a escola despenca. Foi o que aconteceu no Centro de Ensino Médio de Palmas. A escola tem a maior estrutura do Estado: piscina olímpica, ginásio coberto, quadra de futebol de campo e auditório para 200 pessoas. Com capacidade para atender 3.600 alunos, o colégio recebeu apenas 700 matrículas neste ano. Corre o risco de fechar as portas por falta de procura. O problema começou com uma diretora que só se preocupava com as atividades pedagógicas, sem dar atenção ao planejamento financeiro. Quando a Secretaria descobriu falhas na prestação de contas, a escola já estava quebrada. Um diretor foi designado para resolver o problema, mas incorreu no erro oposto: concentrou-se nas finanças e deu as costas para a pedagogia. Quando a qualidade do ensino caiu, os alunos migraram para outras unidades. Como o repasse de dinheiro é feito de acordo com o número de matrículas, o colégio não pôde mais arcar com suas contas e a Secretaria voltou a



#### LEITURA

Maria Auxiliadora, secretária de Educação do Tocantins, no Salão do Livro do Estado: responsabilidade dividida entre os colégios e a Secretaria

centralizar o pagamento de água e energia.

“Mesmo que o Tocantins enfrente problemas, a experiência é positiva”, afirma Célio da Cunha, especialista em Educação da Unesco. “O sistema dá bons resultados porque a autonomia é acompanhada de monitoramento.” Ele se refere ao planejamento estratégico implantado no Estado. Para evitar casos como o do Centro de Ensino Médio, a Secretaria exige hoje um plano de ação. Cada escola deve discriminar atividades e investimentos do ano de acordo com suas necessidades. Para acompanhar a execução, os diretores enviam bimestralmente os índices de abandono, transferência e notas da escola. Identificando as dificuldades no início, é mais fácil recuperar o aluno antes que ele

repeita de ano ou largue o colégio. Na escola Deusá Moraes, quem tira 7 – a média no Estado – já vai para o reforço. As aulas são dadas por voluntários em uma casa de cultura em frente à escola. No primeiro bimestre, já há alunos da 5ª série tirando dúvidas sobre raiz quadrada com estudantes do ensino médio de colégios privados da cidade.

Como o Tocantins, alguns Estados repassam verbas específicas para as escolas. Alguns descentralizam a merenda, outros o material de limpeza. O segredo do Tocantins é combinar autonomia quase total com formação e monitoramento.

“Estamos em um século em que não se pode impor nada. Autonomia das escolas é uma tendência”, diz Célio da Cunha, da Unesco. “O que chama a atenção no Tocantins é o planejamento”, afirma Ilona Becskeszky, diretora-executiva da Fundação Lemann, entidade que dá curso de gestão a redes públicas de educação. “A Secretaria é como uma empresa que quer funcionar: tem avaliação, informação e metas. Todo mundo sabe o que precisa ser feito.”

Fotos: Claudio Rossi/ÉPOCA

PORTAL TERRA

(03.06)

## MEC começa a coletar dados para o Censo Escolar

Escolas de educação básica já podem informar os dados para o Censo Escolar 2007. Esse ano o Ministério da Educação (MEC) vai coletar os dados via internet e vai solicitar informações sobre os alunos e não apenas das escolas. Os dados servem como base para programas do governo, como o do livro didático e da merenda escolar, e para o Fundo da Educação Básica (Fundeb). A diretora de

estatística e educação básica do MEC, Maria Inês Pestana, explicou, em entrevista à Agência Brasil, que as mudanças vão dar ao ministério uma imagem mais detalhada a respeito da educação brasileira.

“Vamos passar a coletar a informação por aluno. Antes agente coletava informações somente do quantitativo de alunos de cada escola. Agora nós vamos saber tudo de

**(03.06)**

cada aluno, o nome, quem é ele, o endereço, nome da mãe, nome do pai, idade, data de nascimento, sexo, cor, se é portador de necessidades especiais, enfim uma série de informações”, ressaltou Pestana.

Ela explicou também que as escolas devem acessar o site [www.educacenso.inep.gov.br](http://www.educacenso.inep.gov.br), do MEC, para cadastrar os dados. Escolas que possuem computador, mas não acessam internet devem adquirir um programa em CD ou disquete, na Secretaria de Educação Municipal ou Estadual, instalar no computador, preencher e depois levar de volta para a secretaria. As escolas ainda têm a opção de preencher o formulário manualmente.

A diretor resalta que o importante é que todas as esco-

las repassam os dados ao ministério. “Escolas que não preenchem as informações do censo não existem nas estatísticas brasileiras e com isso agente tem uma visão deformada da realidade brasileira. A escola pública que não preenche ela não participa dos programas e políticas educacionais, não recebe livro didático e não recebe merenda escolar”.

O censo abrange todas as etapas ou níveis (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) e modalidades da educação básica (ensino regular, educação especial, educação de jovens e adultos e educação profissional de nível técnico). As escolas devem informar os dados ao MEC até o dia 31 de agosto.

**CRUZEIRO DO SUL****(02.06)**

## **ENADE: Maioria dos alunos avaliados estudou em escola pública**

Mais da metade dos alunos que fizeram o último Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) cursou todo o ensino médio em escola pública. O questionário socioeconômico divulgado sexta-feira com os resultados do exame de 2006 mostra ainda que a maioria dos alunos avaliados é branca e solteira.

Essa edição do Enade fechou as últimas 15 áreas que ainda não tinham sido testadas desde o início do novo sistema de avaliação instituído em 2004 em substituição ao Provão. Em uma série histórica, comparando-se os dados dos estudantes que fizeram o antigo Provão em 2002 e 2003 com os dos mesmos cursos que também foram avaliados em 2006, o Enade mostrou uma evolução significativa da participação desses alunos. Em 2002, 39,6% dos estudantes haviam saído de escolas públicas; no último, o índice foi

de 46,3%, considerando-se apenas os estudantes avaliados em ambas as edições do exame. A taxa chega agora a 50,5% quando se acrescentam os dados de estudantes dos cursos que não haviam entrado nas avaliações anteriores.

“Trata-se de uma boa evolução, mas não é suficiente, ainda mais quando se considera que 87% dos estudantes de ensino médio no País estão em escolas públicas”, comentou Dilvo Ristoff, diretor de Avaliação do Ensino Superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep).

O ensino superior brasileiro, no entanto, continua basicamente branco. Quase 70% dos estudantes avaliados no Enade 2006 declararam-se brancos, enquanto apenas 22,7% consideraram-se pardos e 5,4%, negros. As informações são do jornal O Estado de S. Paulo. (AE)

**JORNAL DA TARDE****(03.06)**

## **Escola Brasil organiza rádio para educação**

A Oscip Escola Brasil está trabalhando para a construção de uma rede nacional de rádios com o objetivo de contribuir para a melhoria da educação, disseminação da cultura e de informações capazes de diminuir a desigualdade social. Segundo Airton Medeiros, idealizador do projeto, a rádio será um canal para os jovens expressarem conhecimentos. Será um número ilimitado de parceiros.

## Governo: escolas têm papel na prevenção da aids

De todos os casos de aids no Brasil, 15% ou 69 mil afetam pessoas com idades até 24 anos. Como em geral a iniciação sexual dos jovens é entre 14 e 16 anos, as escolas têm papel importante na prevenção da aids e de outras doenças sexualmente transmissíveis, afirmou hoje a diretora do Programa Nacional DST/aids do Ministério da Saúde, Mariângela Simão.

Mariângela Simão citou pesquisa que indica que em primeiro lugar o jovem busca informações na família sobre sexualidade e depois, na escola. Segundo ela, por essa razão, existe o projeto Saúde e Prevenção nas Escolas, desenvolvido pelos ministérios da Educação e da Saúde, com o apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e do Fundo de População das Nações Unidas (Unfpa).

“Não basta o pai ou a mãe não quererem que eles iniciem a vida sexual. Quem decide é o jovem e o que a gente procura passar no projeto Saúde e Prevenção nas Escolas é que ele faça uma opção que seja informada. Se em decidir ter uma vida sexual ativa, que faça isso de uma forma segura. Acho que a escola tem um grande papel e por isso a importância do projeto”.

Uma das ações em andamento é a distribuição de preservativos em nove mil escolas do ensino médio. De acordo com a coordenadora, uma pesquisa mostram que metade dos jovens alega que não usou camisinha na última rela-

ção sexual porque não tinha o preservativo e 10% porque não tinham dinheiro para comprá-lo.

“Não se trata só de botar um cesto na porta da escola e cada um chega e pega o preservativo. Não, tem que ser dentro de uma atividade educativa que se desenvolve na escola”, ela explicou, ressaltando que a distribuição de preservativos nas escolas de ensino médio tem com o apoio de 63% dos pais.

Mariângela Simão também destacou que em muitas escolas temas como saúde sexual e reprodutiva não estão mais restritos às aulas de ciências. “Hoje acho que um dos grandes ganhos que a gente tem é que em mais e mais escolas esses assuntos estão entrando como temas transversais e sendo trabalhadas em outras matérias”.

Para discutir essas ações, cerca de 700 pessoas de todo o País devem participar da 2ª Mostra Nacional Saúde e Prevenção nas Escolas, que começa hoje à noite em Brasília. Até domingo, professores, alunos, profissionais de saúde e gestores vão trocar informações sobre experiências escolares bem-sucedidas na área de saúde e prevenção à aids e outras Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs).

“A gente está esperando uma grande diversidade de apresentações, é uma mostra do que se está fazendo hoje, quais são as experiências bem-sucedidas e com esse tipo de trabalho a gente espera inspirar novos trabalhos por meio da troca de experiências”, disse Mariângela Simão.

---

### FOLHA DE LONDRINA

(02.06)

## Desperdício de merenda escolar: até quando?

*Alunos escolhem o que querem comer e jogam o resto; professores não podem comer a sobra*

Um flagrante nada agradável: dezenas de pratos cheios de arroz sendo despejados diretamente no lixo de uma escola municipal da zona rural de Londrina. Em um minuto de imagens, capturadas por um cinegrafista amador, a prova da falta de respeito com o alimento que certamente seria mais bem aproveitado em qualquer outro lugar do mundo naquele momento.

O vídeo de 60 segundos capturou dez crianças limpando seus pratos após o almoço. Cada uma segurando uma fruta na mão ao despejar a comida na lixeira escolar. Enquanto isso, professores não podem se alimentar sequer dos restos da merenda dos alunos porque, segundo a Prefeitura, o recurso é determinado por criança e por dia letivo

e o Município paga por refeição.

Desde a terceirização da merenda escolar, em novembro do ano passado, os alunos de escolas municipais têm direito, além do café da manhã e da tarde, a um almoço, com cardápio bastante variado. Os estudantes têm sobremesa e frutas diariamente e também mais legumes e verduras.

A secretária da Educação de Londrina, Carmen Sposti, assinalou que com a terceirização, muitas foram as reclamações com relação à merenda, principalmente no tamanho das porções servidas aos estudantes. “As nutricionistas da Prefeitura e da empresa responsável pelo preparo das refeições definiram um porcionamento e no início, as me-

(02.06)

rendeiras eram orientadas a estimular as crianças a comer o prato principal para depois comer a fruta, até como forma de educar os alunos”, disse a secretária.

As porções, ressaltou Carmen, contêm a exigência mínima de proteínas de que os estudantes necessitam para as atividades escolares. “Descobriu-se, no entanto, que algumas crianças de regiões sócio-econômicas mais favoráveis preferiam comer só a fruta”, declarou.

Para contornar a situação, a secretária decidiu distribuir um questionário aos diretores dos colégios, o qual irá avaliar estes primeiros meses de merenda terceirizada. “Os diretores terão até o início de julho para entregar as respostas”, avisou Carmen.

Segundo ela, os dados serão tabulados e apresentados numa nova reunião com os dirigentes das escolas, da empresa e com as nutricionistas responsáveis pelo cardápio. “Está sendo avaliada até a troca de alimentos. Dependendo do horário, as crianças preferem um lanche ou um bolo com um achocolatado no lugar do arroz e feijão.”

O presidente do Conselho de Alimentação Escolar de

Londrina, Roldão da Silva Filho, lembrou que os problemas com desperdício não são uma novidade na merenda terceirizada. “Tem criança que quer só a fruta, outras preferem o prato principal.”

Depois de fiscalizar várias escolas, o presidente percebeu que é inviável forçar a criança a comer o que ela não quer. “Já não é mais obrigatório o aluno comer o prato principal para só depois comer a fruta”, informou.

Ainda segundo Roldão Filho, depois de um acordo com os diretores das escolas e com a empresa fornecedora dos alimentos ficou estabelecido um local no colégio para que sejam armazenadas as frutas rejeitadas pelos estudantes.

“Assim as frutas que não são consumidas podem ser destinadas a outros alunos que querem comer. O Conselho também quer afixar nos corredores das escolas informações sobre o valor nutricional dos alimentos para educar e mostrar às crianças a importância de uma alimentação correta.”

Mariana Guerin

Reportagem Local

## OPINIÃO ARTIGOS

JORNAL DO BRASIL

(02.06)

# Educação, o desafio

Antônio Luiz Bianchessi, filósofo, educador, escritor e consultor

Nuvens sombrias surgem no horizonte. Cientistas preveem catástrofes, que podem provocar o caos generalizado.

A insegurança e o medo fantasioso e real impulsionam comportamentos, muitas vezes anormais e patológicos. Atitudes criminais tornaram-se rotineiras. A impunidade apresenta abrangências assustadoras e desafiadoras. Para muitos, a esperança tende a desaparecer do cardápio diário.

Os desvios de conduta assolam o país e o mundo. A convivência harmonizada converte-se em privilégio de difícil acesso. Os educadores sentem o desafio e a angústia paralisantes ao atuar, diretamente, na educação. As saídas propaladas distanciam-se da realidade. Milhões não têm acesso à aprendizagem e à educação. O conteúdo tratado em sala de aula conquista diminuta atração. A miséria e a fome incapacitam avanços nos conhecimentos e na harmonização da convivência. O trabalho “escravo” de crianças que faturam alguns centavos diários para sustento da

família é obstáculo vergonhoso de frequência à escola.

Surge uma questão preocupante: banalizamos as desgraças que se sucedem, continuamente? O sofrimento transformou-se em busca neurótica da felicidade? Foi endeusado? Converteu-se em culto idolátrico?

O inconsciente coletivo, sempre atuante, seleciona valores prendados pelos emblemas da dor? Muitos rejeitam, conscientemente, o sofrimento. No inconsciente, porém, a adesão à dor apresenta decisão incondicional. As lamúrias indicam a manifestação explícita do “coitadinho de mim”?

A presença humana sobre a Terra demonstra a capacidade destruidora da natureza. Não existe dúvida da determinação predatória dos humanos.

No contexto geral, não estaremos cumprindo ordens generalizadas de nosso inconsciente coletivo? Por que uma quantidade representativa da espécie humana deleita-se, ao assistir a filmes sangüinários e a notícias de desastres, até com mortes?

O egoísmo e a ganância comandam o aniquilamento da natureza, a destruição da vida e das matas, com lucros financeiros de alguns “privilegiados”. O desmatamento abrange milhões de hectares, atualmente, relegados à erosão e à inviabilidade de sobrevivência.

O ser humano é recuperável? Poderá humanizar-se? Onde reside o problema? Somos passíveis de mudanças, apesar da carência de afeto, amor, segurança e inclusão? Parece piegas? Talvez seja a única saída para (re) assumirmos uma convivência humanizada.

Afirmamos, com absoluta convicção, que o grande impasse reside na “Educação Vertical” vigente. Os comportamentos justapostos pela educação não educam, mas apenas condicionam, através de paradigmas externos. Os condicionamentos não promovem mudanças, mas, simplesmente, impingem uma máscara exigida pelos valores e conhecimentos do educador. Condicionamento é palavra “civilizada” para não dizermos adestramento.

Há educadores de renome que pedem mais educação e

imposição de limites. Como seria “dar mais educação”? Os limites impostos serão assumidos pelos educandos?

A problemática já demonstra suas exigências. Jovens que nasceram a partir de 1978 acreditam que as alterações de valores estão acontecendo. É a geração que vive a independência. Rejeita, drasticamente, a educação através de paradigmas externos.

Essa geração propaga idéias revolucionárias para implantar mudanças que julga indispensáveis e inadiáveis. Valores “sagrados” para nossa geração não representam algo relevante para esses jovens.

A (re) conquista do pedestal de educadores necessita de humildade e de mudanças radicais na visão da educação do futuro próximo.